

MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO – Aspectos do norte paranaense

Paulo Bassani

INTRODUÇÃO

Este artigo está dividido em três momentos: no primeiro momento, procuro tecer algumas considerações sobre os movimentos sociais, identificando possíveis pressupostos teóricos e observações metodológicas pertinentes para a análise dos movimentos sociais do campo nesta virada de século.

No segundo momento comento aspectos do cotidiano e da subjetividade dos assalariados rurais temporários da região norte do Paraná a partir do lugar onde moram.

E, por fim, procuro fazer uma abordagem sobre o MST como movimento social articulador das principais lutas no campo brasileiro hoje.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Cruzamos o final do século vivendo profundas transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e institucionais que apontam para uma nova ordem social, carregando consigo um número infinito de dificuldades e perplexidades. Segundo Hobsbawm (1993, p.47), “o século acabou numa desordem global cuja natureza não estava clara, e sem um mecanismo óbvio para acabar com ela ou mantê-la sob controle. O motivo desta impotência estava não apenas na verdadeira profundidade e complexidade da crise mundial, mas também no aparente fracasso de todos os programas, velhos e novos, para controlar e melhorar os problemas da raça humana.”

O desemprego é um fenômeno dos mais cruéis que enfrentamos e enfrentaremos nos próximos anos. Com o avanço da tecnologia, da

automação e da informática há um crescimento com dimensões jamais imagináveis da dispensa do trabalho humano. Na década de 90, deixou-se de criar no Brasil cerca de 30% dos empregos necessários para atender a demanda crescente e outros 20% foram suprimidos para sempre.

Herbert de Souza, o Betinho, chama a atenção para o seguinte:

“A terra é o começo e porque não dizer a solução de muitos problemas brasileiros. (...) Não adianta buscar outras soluções. Os grandes conglomerados já estão com lotação esgotada em escala local e global. Não pretendem criar mais nenhum emprego neste século.” (Souza, 1997, p.24-b)

Sob o título “Exclusão é o grande desafio”, a *Folha de S. Paulo* publicou entrevista com Celso Furtado, onde este coloca que

“Houve uma mudança qualitativa e essa é a mudança mais importante que vejo no movimento social no Brasil. O MST está preparando lideranças, criando escolas. O governo não pode agir na contramão. Hoje a massa rural aceita voltar ao campo. Isso tem um alcance social enorme, porque na economia moderna a principal característica é o desemprego. No Brasil, nos últimos anos, não houve grande crescimento do emprego na área industrial, que era a mais dinâmica. A solução para o emprego passa por uma solução da questão agrária no Brasil. Todos os países do mundo tropeçaram no problema do desemprego. Os problemas do mundo hoje são sociais. Os países aprenderam a crescer economicamente, mas poucos conseguiram resolver seus problemas sociais. O grande desafio da sociedade moderna é a marginalidade social. O Brasil é um dos únicos países que têm o recurso à mão para resolver esse problema: *criar emprego rural*. A vida em uma cidade como São Paulo e Rio de Janeiro é absurda. Há desperdício fantástico de tempo, de pessoas, de dinheiro, de tudo. Por isso o ideal seria a formação de cidades menores, com vida comunitária mais rica.” (Furtado, 1997, p.21-b)

No contexto da contemporaneidade há, nitidamente, no conjunto das análises dos processos em curso, uma preponderância do discurso globalizante. Ao que tudo indica, esse caminho, tomado como mão única,

tende a separar de maneira crescente o processo de reflexão dos processos históricos concretos. A reflexão sobre o processo do poder globalizante assume o caráter de discurso único, sobrepondo e subjungando, na maioria das vezes, toda e qualquer possibilidade da ocorrência de processos históricos locais. Este procedimento encobre e apaga o lugar, o território dos acontecimentos, o espaço onde se efetivam os movimentos sociais.

É preciso que se diga que o ritmo do capital globalizado é rápido, veloz, fulminante, enquanto o mundo dos pobres, pelo contrário, possui um outro ritmo, e, nessa diferença de velocidade, afastam-se cada vez mais. Aprendemos a conviver, a aceitar, a naturalizar a pobreza, a miséria, o analfabetismo, a violência, o medo e, agora mais recentemente, o desemprego crescente.

Concebendo tal naturalização, transformamos o pobre, o desempregado, o trabalhador, o outro, o estranho em “vítima do processo”. (Martins, 1993) Essa postura tem limitado olhar para esses sujeitos como vítimas de um processo da experimentação da ciência, sofrendo a ação do capital, não reagindo, não resistindo e não buscando alternativas.

É nesse sentido que a pesquisa sociológica sobre os novos movimentos sociais, no contexto colocado, interage, recolocando como primeira premissa científica o reconhecimento do outro como sujeito do conhecimento, como personagem de uma peça editada pela história recente encenada num palco de inúmeras possibilidades.

Uma outra premissa é o fato de que o conjunto de trabalhadores que tenho observado ao longo desses últimos anos sofreu um forte desenraizamento dos lugares de origem, da terra, das famílias, dos vizinhos, dos valores, da sua cultura originária. A partir desta constatação, trilho a perspectiva apontada por Bosi (1987, p.17): “Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão.”

O renascer de um povo em movimento, migrante, emerge a partir das experiências acumuladas e adquiridas nessa longa trajetória marcada pelos diferentes tipos de opressão, exploração, expropriação a que esse povo foi submetido. Articulando respostas, criando mecanismos que possibilitem encontrar formas e canais mínimos de participação e representação.

No norte do Paraná este fenômeno ocorreu e ocorre de forma intensa: quer nos núcleos, vilas, distritos onde vivem atualmente os trabalhadores rurais, quer nos acampamentos e assentamentos do MST.

Nesses lugares, surgem novas lutas, novos significados, novas utopias. São lugares onde há um cotidiano marcado pela inovação, pela aprendizagem, pela solidariedade, pela resistência.

Compartilho o pensar de Souza Santos (1989, p.37), ao se referir ao cotidiano dos trabalhadores: “longe ser meramente acomodatório, contém sentidos de resistência que, dadas as condições, podem desenvolver-se e transforma-se em armas de luta”. Martins (1993, p.30), com esta mesma ênfase, chama a atenção para o seguinte: “Ainda há muito caminho até podermos incorporar a criatividade e o novo Senso Comum que vai sendo produzido no cotidiano.”

O cotidiano desses novos movimentos tende a se apresentar de forma mais criativa que o cotidiano de outras pessoas. A inventividade, a descoberta, torna-se uma necessidade paradoxal: de negação e de recriação. O que dá sentido, o que forma o amálgama dessas categorias são os elementos subjetivos como o sentimento, a emoção, a amizade, a solidariedade.

Observar e olhar com mais atenção a capacidade adaptativa dos trabalhadores torna-se necessidade metodológica imprescindível. O homem é, sem dúvida alguma, o ser vivo com maior capacidade de adaptar-se a novas situações. Se fornecidas, criadas ou conquistadas as situações favoráveis ou possíveis, os homens, em seu conjunto, tendem a avançar.

Nessa observância teórico-metodológica, com um olhar mais atento a esse novo senso comum que molda o tecido das relações sociais e dos movimentos sociais do campo, é que se busca identificar as características dos processos que ocorrem. Para superar uma perspectiva pré-determinada, com imagens e interpretações distorcidas, faz-se necessário um acompanhamento próximo do cotidiano dos trabalhadores rurais, atento a percepções que identifiquem os enigmas, códigos, símbolos, bandeiras que normalmente não se demonstram de maneiras visíveis, decifráveis. Esses elementos assumem, nesses lugares, versões diferenciadas, fruto dos paradoxos presentes na cultura popular. (Chauí, 1986, p.177)

“a cultura popular, do ponto de vista da consciência, se manifesta na forma da consciência trágica. Consciência que opera com

paradoxos, porque o real é tecido de paradoxos, e que opera paradoxalmente, porque tecido de saber e não saber simultâneos, marca profunda da dominação.

“A consciência trágica, em seu sentido originário, tal como se revela pela tragédia grega, não é aquela que se debate com um destino inelutável, mas ao contrário aquela que descobre a diferença entre *o que é e o que poderia ser* e que por isso mesmo transgride a ordem estabelecida, mas não chega a constituir um outra existência social, aprisionada nas malhas do instituído. Diz sim e diz não ao mesmo tempo, adere e resiste ao que pesa com a força da lei, do uso e do costume e que parece, por seu peso ter a força de um destino.”

A autora considera ser a família dos trabalhadores o espaço onde se elaboram os processos de socialização, as experiências da vida. Se, por um lado, a família representa a expressão de valores tradicionais que reafirmam, entre outros, o machismo, o paternalismo, por outro lado, “é na família que se elabora um conhecimento crítico da sociedade, uma avaliação das classes sociais, as dimensões do espaço social e do tempo histórico, da condição presente e das possibilidades de modificá-la”.

Para Marilena Chauí, é nesse espaço familiar que emergem as estratégias de sobrevivência, além das discussões, moldagens de projetos para o futuro. (Chauí, 1986) Um *espaço vivido* familiar que permite junto aos vizinhos, amigos e companheiros o desenvolvimento de um *espaço percebido* com perspectivas de construção de espaços que passam a ser *concebidos* nos processos e nas lutas. Rompendo e tecendo novas identidades no sentido de um *fazer-se* constante. (Ribeiro, 1996)

Nessa perspectiva, quem pesquisa fenômenos sociais está de certa forma condicionado a realizar trabalhos provisórios, incompletos, inacabados. Pois, como decifrar a vida coletiva numa cultura e numa sociedade tão radicalmente desigual, inacabada, em constante construção? Ainda mais se considerarmos que estamos diante de personagens do campo brasileiro nos anos 90, que obrigam o pesquisador a repensar os modelos, os esquemas e as teorias pré-determinadas. Pois trabalhamos cercado as idéias possíveis, as idéias dos possíveis que emergem.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ASSALARIADOS RURAIS TEMPORÁRIOS (ARTs)

Desde o início dos anos 90 estabelecendo aproximações com o cotidiano e algumas lutas dos ARTs, também conhecidos como bóias-frias na região de Londrina e arredores, observou-se, filmando, fotografando, entrevistando, que se pode conhecer uma parte da história dessa gente sofrida, que tem demonstrado uma capacidade muito grande de buscar alternativas para suas vidas. (Bassani, 1999)

Numa área de aproximadamente 100 km, tomando a cidade de Londrina como eixo, coexistem dezenas de categorias sociais, classes, que em relação e em conflito resultam no que poderia se chamar de uma questão agrária.

São grandes proprietários rurais, oligarquias, especuladores de terras, médios e pequenos proprietários, agricultura familiar, assentamentos rurais, acampamentos do MST, reservas indígenas, parceiros, meeiros e muitos bóias-frias. Uma realidade, sob o ponto de vista sociológico, extremamente rica, extremamente complexa. Convivem lado a lado riqueza e miséria, tecnologia e ausência de tecnologia, abundância e escassez, todas resultando de um mesmo processo.

Nesse sentido e nessa relação, os trabalhadores rurais do norte paranaense apresentam na década de 90 um novo contexto de lutas e processos organizacionais. Se por um lado permanecem na continuada luta pelo emprego rural, que tem marcado tradicionalmente essa categoria, por outro, houve, devido aos fatos apontados anteriormente, uma mudança no perfil das lutas e no horizonte dessas famílias trabalhadoras rurais.

Um dos elementos que tem contribuído para tal mudança consiste em que, já no final dos anos 80 e início dos 90, o fluxo migratório desses trabalhadores diminui sensivelmente. Fixam suas famílias em determinados lugares, os quais defino como núcleos de trabalhadores rurais, geralmente situados à margem, na periferia das pequenas cidades, vilas e distritos da região. Nesses núcleos aglutinam-se famílias com as mais diversas trajetórias, as quais sofreram, ao longo dos anos, constantes processos de opressão. É nesse novo espaço que projetam e constroem novas perspectivas para suas vidas. O cotidiano dos núcleos resulta do que carregam de um passado, do que descobrem no presente e, em grande parte, do que projetam para o futuro.

Na vida cotidiana dessas populações convivem elementos de conquistas e elementos de derrotas, elementos de união e de desunião, capacidade e fragilidade, esperança e desesperança. Nos gestos e nos sonhos cotidianos se constroem os gestos e os sonhos do amanhã.

Em suas falas, gestos, olhares e desejos emergem continuamente estratégias e táticas de sobrevivência. Nas falas os sujeitos expressam uma visão de mundo, que, no entanto, são discursos normativos que nem sempre se expressam em atitudes.

Já há um conhecimento publicizado e naturalizado pela mídia das condições de precariedade em que vivem estes trabalhadores. Moram mal, comem mal e, quando trabalham, suas condições de transporte e de trabalho são extremamente precárias.

Em constantes observações pôde-se detectar algumas características do que está ocorrendo com estas famílias e, a partir daí, verificar o conjunto de possibilidades internas e externas que começa a surgir nos anos 90. Ao contrário do que muitos imaginam, o rural, hoje, já não é mais tão linear, lógico e apático; as surpresas são constantes. Os ARTs, ao sobreviver, resistem, fixam suas famílias num lugar e transformam esse lugar em base de sua resistência.

Não obstante, no processo utilizam-se das brechas, das fissuras sociais, econômicas e políticas que se apresentam na cidade e no campo. Demonstram-se como personagens híbridos, que não seguem um projeto pré-determinado, estando constantemente à procura de alternativas.

Dos entrevistados, observou-se nos núcleos que cerca de 54% possuíam algum tipo de relação com o Movimento Sem-Terra. A terra regionalmente apresenta-se como um projeto altamente atrativo, pela avaliação das possibilidades existentes e pela forte presença do MST na região, com mais de uma dezena de assentamentos, uma cooperativa de assentados e uma série de acampamentos. No contexto, há uma visibilidade próxima, que pressiona esses trabalhadores a ingressarem na luta pela terra.

Compreendem no seu cotidiano que é importante resistir, assim como é importante buscar novas demandas que emergem no contexto regional. De uma outra maneira, também a terra se apresenta como um mecanismo defensivo em face do desemprego e dos baixos salários.

Pode-se dizer que, para o ART, assim como para qualquer ser humano, no contexto da contemporaneidade, não existem espaços absolutos, definidos e totalmente fechados. Há lugares e lutas que servem

como referência, e geralmente é de lá que surge muito de um novo modo de vida, de uma nova subjetivação.

Os ARTs, no geral, não indicam poder para alimentar um projeto comum e uma organização de formas coletivas estruturadas; entretanto, têm se aproveitado dos processos em curso e das lutas que ocorrem na região, de maneira particular, estabelecendo laços cada vez mais estreitos com o MST.

ACERCA DO MOVIMENTO SEM-TERRA

O MST se projetou na sociedade e ganhou simpatia devido à ineficiência das políticas públicas governamentais — pós Tancredo Neves, Sarney, Collor, Itamar e, atualmente, no contexto do governo de Fernando Henrique Cardoso. Na medida em que os governos não realizam a reforma agrária, o MST vem com novas ações, e seu fortalecimento é cada vez maior.

Durante as décadas de 80 e 90, o campo brasileiro constituiu-se o principal espaço de lutas e confrontos articulados entre os trabalhadores e o Estado, entre os trabalhadores e o poder do latifúndio. Se num passado recente a cidade foi um espaço de excelência do conflito de classes, hoje esse conflito é aberto e visível a partir do campo. É do campo que estão surgindo as maiores possibilidades concretas para as organizações, lutas e conquistas populares.

O MST é o grande responsável por tudo isso. O MST vem demonstrando que sua luta não é primitiva, mas atual; que sua força não é passageira, mas consistente; que a terra não é passado, mas futuro.

O MST vem nos anos 80 ocupar um espaço que foi usurpado do movimento popular, quer pelo regime militar, quer pelos modelos tradicionais de organização já desgastados. As elites dominantes criaram mecanismos anestésicos e desarticuladores das organizações populares. O MST consegue, de certa forma, canalizar estas deficiências. A condução de outras bandeiras em suas marchas, em suas lutas, tem demonstrado esse fato.

O MST, ao que tudo indica, não pretende nem deseja ser hegemônico, não pretende responder a tudo, nem representar a todos; porém, quase todos os movimentos sociais recentes do Brasil buscam nele um aliado, um estímulo, uma força, uma motivação, um substrato

para suas lutas. Suas ações ganham visibilidade política se associadas e/ou incentivadas pelo MST. Este transformou-se numa espécie de mola propulsora para as ações populares.

O MST coloca no conjunto de suas lutas o repensar a sociedade, a forma como ela se organiza, a quem atende este modelo econômico, social e político. Dessa forma ele se expressa não apenas como um movimento social temporário, mas como um significativo segmento social constitutivo de longa trajetória e já enraizado na sociedade. Forma-se, desenvolve-se, articula-se como realidade constitutiva da própria realidade; por isso a referência para suas análises deve partir desse pressuposto.

Pode-se afirmar que o MST, após duas décadas de luta, carrega consigo uma motivação que expressa de certa forma a síntese do povo brasileiro:

- a luta pelo espaço de vida e trabalho num país com muita terra
- a luta pelo emprego
- a luta pelos direitos básicos
- a coragem, a perseverança, a inventividade

O MST é constituído por antigos personagens com novas práticas de mobilização. Ele expressa um novo movimento social que retoma uma questão antiga e não resolvida no Brasil: *a terra*.

O ponto-chave da análise de um *novo movimento social* são as formas de organização, estratégias e táticas, o conjunto de recursos organizativos que consegue criar e aglutinar. Junto a isso, deve-se avaliar as conquistas pela cidadania e o projeto político que carrega.

Essa forma de ser *sui generis* do MST vem colocando para os analistas dificuldades de entendê-lo, interpretá-lo, pois grande parte das teorias e explicações existentes não comporta a dinâmica do movimento.

As dificuldades se originam pelo fato de que esse movimento não se enquadra nos esquemas construídos ao longo do tempo: possui uma lógica mais agressiva, diferente da lógica tradicional dos movimentos sociais e também das transformações que deveriam ocorrer na sociedade brasileira; e a reforma agrária não estava contemplada nesses esquemas.

Mas que dificuldades há para entender a força, a dinâmica e a dimensão desse movimento nesta virada do século? Vejamos alguns pontos deste conjunto de dificuldades:

1. Nasceu e mobilizou-se como organização fora do espaço dos partidos políticos e dos sindicatos.
2. Nasceu através da ação das CEBs e da CPT das igrejas Católica e Luterana, e hoje possui identidade própria.
3. É um movimento com forte presença simbólica. Nos anos 80, a cruz de madeira com o manto branco. Nos anos 90, a bandeira do MST (vermelha, verde e branca).
4. Congrega segmentos heterogêneos da população, trabalhadores rurais diversos e trabalhadores urbanos.
5. O movimento atua em várias frentes (as lutas passam a ser mais amplas): para fazer a reforma agrária é preciso que se realizem outras reformas no país.
6. Com o tempo ganhou simpatia e adesão popular (quer no Brasil, quer no exterior).
7. Ocupou e vem ocupando um espaço significativo na mídia.
8. Há consistência e durabilidade no movimento (em cada ocupação, acampamento, marcha, enfrentamento, prisão, mortes ele se fortalece).
9. Os modelos de ocupações, marchas, caminhadas, debates, processo educativo, solidariedade nas lutas entre os acampados e os assentados, modelos de produção, de cooperativas, de associações, surpreendem.
10. Passou de localizado nos estados do Sul, nos anos 80, à dimensão nacional nos anos 90. Para tanto, mudou sua sede para São Paulo e Brasília.
11. Apresenta resultados objetivos dessa luta. Assentamentos que bem ou mal já ultrapassam os 1.700 pelo Brasil. Alguns com ótimos resultados sob o ponto de vista econômico e sob o ponto de vista social. Resultados visíveis e resultados invisíveis.

O MST e suas estratégias: assumindo um duplo caminho

I. Assumindo ações fora da legalidade:

a) Enquanto luta pela terra:

Tempo 1 Aglutinação e cadastramento dos trabalhadores rurais e urbanos

Tempo 2 Formação dos acampamentos (beira de estradas, terras públicas, fazendas)

Tempo 3 Ocupação — fato político se concretiza (determinada fazenda sobre a qual já tenham informações)

Tempo 4 Havendo resistência, retornam ao acampamento — havendo conquista se estabelecem na região.

Tempo 5 Pré-assentamento — fase posterior à conquista da terra (regulamentação, documentação, escolha dos lotes, pressão, etc.)

Tempo 6 Assentamento
Produção e desafios da agricultura familiar

A questão da terra como ação estratégica pode se apresentar em duas dimensões:

- a luta pela terra — os acampamentos e as ocupações
- o que fazer com a terra — como e o que produzir (quer dizer, uma coisa é o tempo da luta pela terra, outra é o tempo da luta com a terra)

b) Outras ações fora do espaço da terra:

- incentivando, sempre que necessário, saques (supermercados, caminhões)
- ocupação de estradas

- ocupação de bancos
- ocupação de prédios públicos (INCRA, prefeituras, ministérios etc.)

II. Pressionando o governo a negociar:

- marchas para Brasília
- caminhadas para cidades pólos
- comissões de negociação
- espaço na mídia
- *lobby* no Congresso
- contando com o apoio da Igreja
- apoio de partidos políticos (PT)
- apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT)
- apoio de ONGs

Pode-se dizer que o MST caminha num eixo diferenciado de outros movimentos sociais, não seguindo unicamente os canais tradicionais de organização. Possui uma ação mais agressiva, diferente da lógica tradicional. Sua lógica pressupõe a negociação, mas não pára nela. Nesse sentido, o MST assume um duplo caminho — pressionando o governo em seus órgãos e ministérios para negociar e assumindo ações autônomas.

Nisso podemos observar o MST como uma inovação histórica na vida política e na história da esquerda do Brasil contemporâneo. Através de suas lutas tem contribuído efetivamente para transformar a natureza política do país. Representa um viés das lutas da sociedade civil organizada. Trilhando um caminho de ilegalidade legítima, rompe a ação política tradicional e institui um modelo que inova e surpreende, pela capacidade de articular, organizar e mudar de estratégias rapidamente. E aí está o segredo de sua continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSANI, Paulo. *Núcleos de assalariados rurais temporários - lugar de resistência e de descoberta*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BOSI, Ecléia. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1986.
- FURTADO, Celso. Exclusão é o grande desafio. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 17 maio. 1997. cad. Mais, p.21-b.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos - o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- MARTINS, José de Souza. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- SOUZA, Herbert. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 19 abr. 1997. cad. Mais, p.24-b.
- SOUZA SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

RESUMO

Os movimentos no campo norte-paranaense apresentaram nos anos 90 características próprias de organização e articulação. Dentre elas, a expansão de uma luta pela terra que aglutina as mais diferentes categorias de trabalhadores do campo e da cidade e que desenvolve estratégias de resistência que, muitas vezes, surpreendem os analistas que se propõem a entendê-las.

Palavras-chave: movimentos sociais; Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra; resistência política.

ABSTRACT

In the nine nineties the social movements in the northern region of Parana State acquired some particular aspects in terms of organization and articulation. One of the social movements, the struggle for owning a piece of land, grew wide by incorporating workers of different categories of the field and of the city. They develop some strategies of resistance which have puzzled the researchers who intend to analyze them.

Key words: social movements; Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra; political resistance.

Paulo Bassani é professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da UEL